

5.2 Manuscrito 2

MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA E DETERMINANTES SOCIAIS EM SAÚDE: ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

RESUMO

Objetivo: compreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os papéis socioculturais de gênero e os determinantes sociais em saúde influenciam na dinâmica da permanência dessas mulheres na rua.

Método: estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado entre julho e outubro de 2024, com cinco mulheres em situação de rua. Os dados das entrevistas compuseram o corpus textual processado no *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), por meio da análise de similitude de nuvem de palavras.

Resultados: Tais análises apontaram para uma compreensão multifacetada da violência contra a mulher, percebendo-se a violência vivenciada pelas mulheres em situação de rua como parte da rotina da rualização, ocorrendo psicológica, física e sexualmente, cometidas principalmente por parte dos homens que moram nas ruas. As consequências da violência sofrida afetam o ambiente, a saúde e o fortalecimento do convívio social e familiar.

Conclusão: a violência contra a mulher é comum no ambiente das ruas e está relacionada com a desigualdade de gênero e com os papéis socioculturais, causando medo, sofrimento e consequências nocivas às mulheres. Destaca-se que gênero, escolaridade, ruptura de vínculos familiares, raça e desemprego influenciam na autorização para a violência sobre os corpos e subjetividades dessas mulheres, bem como sobre sua permanência nas ruas. Inicialmente, as representações foram moldadas em torno de emoções e sentimentos negativos.

DESCRITORES: Violência contra a Mulher. Determinantes Sociais da Saúde. Gênero. Pessoas em Situação de Rua. Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher se constrói através de determinantes históricos e culturais que definem os papéis de homens e mulheres nas sociedades¹. Assim, tem raízes plantadas na desigualdade social estabelecida entre homens e mulheres¹⁻². Funda-se na discriminação de gênero e em uma suposta superioridade que o agressor sente ter em relação à mulher em situação de violência, considerando a compreensão teórica de gênero como uma construção social dos sujeitos masculino e feminino²⁻³.

A perspectiva de análise sob a ótica da categoria analítica gênero possibilita perceber que a subalternidade conferida às mulheres é resultado de uma construção social, portanto, histórica, e não de uma essência natural feminina³⁻⁴. Dessa forma, entre as mulheres, a violência é um dos principais fatores precipitadores para a situação de rua⁴⁻⁵. Logo, evoca relações de poder inseridas no conceito de gênero, considerado como construção social e calcado em relações patriarcais^{1-2,6}.

É importante ressaltar que a população em situação de rua (PSR) no Brasil sofreu um aumento expressivo nos últimos anos – em 2020 havia 221.869 e em 2022 essa estimativa passou para 281.472 pessoas vivendo em situação de rua –, refletindo a crise econômica, o aumento do desemprego no país e o agravamento de questões sociais⁷. Entretanto, o problema da situação de rua não se limita à falta de moradia, uma vez que as pessoas nessa condição sofrem destituições estruturais nas esferas econômicas, culturais e sociais²⁻³ e têm suas vidas atravessadas por violências e estigmatizações, sendo amplificadas por várias outras formas de violação de direitos que vivenciam cotidianamente, como preconceitos, desigualdades sociais, raciais e de gênero^{1,8}.

No universo das ruas, as mulheres formam o grupo de menor expressividade quantitativa, porém, esse grupo está envolto em um grande conjunto de opressões e suas vivências estão cercadas de invisibilidades, que poderiam supor de um lado, a configuração de um espaço de proteção frente aos olhares estigmatizados da maior parte da sociedade, por outro lado, conduziriam a uma intangibilidade diante de políticas públicas e intervenções assistenciais das quais necessitam^{1,4,6,8}. Portanto, entende-se que a mulher vivencia a situação de vulnerabilidade sob duas perspectivas: pela condição de vida nas ruas e de gênero.

Rotineiramente, a sociedade concebe que homens e mulheres ocupem o

mesmo espaço nesse cenário de miserabilidade e vulnerabilidade. Contudo, a mulher está suscetível a violências específicas pela sua condição de gênero e pelo papel atribuído a ela na sociedade¹⁻², reforçado pelos determinantes sociais em saúde (DSS)⁹.

Os DSS, compreendidos como fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais que influenciam o processo saúde-doença, revelam-se centrais para entender a permanência de mulheres em situação de rua. Desigualdades de renda, desemprego, escolarização precária, acesso limitado a serviços de saúde e ausência de redes de apoio familiar e comunitário conformam um cenário que agrava a vulnerabilidade e reduz a possibilidade de superação dessa condição. Tais determinantes operam de forma interseccional com questões de gênero, raça e classe, gerando um ciclo de exclusão social que perpetua a vivência de violência e invisibilidade¹⁰⁻¹².

Nesse sentido, analisar a violência contra a mulher articulada aos DSS permite compreender que a ausência de políticas públicas efetivas e intersetoriais não apenas dificulta o acesso à saúde e à proteção social, mas também amplia a exposição a riscos e a manutenção da vida nas ruas. A precarização do trabalho, a insegurança alimentar e a insuficiência de serviços de moradia emergencial exemplificam dimensões estruturais que, somadas ao machismo e à discriminação, criam barreiras para a construção de trajetórias de cuidado e de autonomia. Tal perspectiva reforça a necessidade de ações que transcendam o enfoque individual, reconhecendo as condições sociais que sustentam e reproduzem a violência de gênero^{10,13,14}.

A discussão do tema da violência contra a mulher neste estudo, adota o conceito que a concebe como uma violência de gênero, no contexto da organização social de gênero, derivado da hierarquia e desigualdade social que reforçam a submissão da mulher. Como resultado, é compreendida como sendo uma violência praticada por homens contra mulheres, independente de sua cor, raça, etnia, classe social¹⁵⁻¹⁶.

Ademais, ao considerar que estas mulheres já vivenciam as contradições hegemônicas entre o masculino e o feminino em uma sociedade capitalista, elas também vivenciam a violência por estarem em situação de rua^{2,6}. O que impacta diretamente sua forma de existir, de se pensar ser mulher e a adesão a processos identitários e discursos sociais. Outrossim, dependendo da forma como vivencia e

representa a violência ela se vincula ou não a serviços assistenciais⁶.

Considerando o contexto, optou-se por utilizar a Teoria das Representações Sociais (TRS) como suporte teórico. Essa teoria explora a maneira como as pessoas interpretam a realidade, ou seja, como elas criam explicações para objetos sociais. Ela pode fornecer o conhecimento conhecido como senso comum, que é empregado nas experiências do dia a dia. Além disso, a TRS revela a percepção dos indivíduos envolvidos, funcionando como uma orientação para a ação e uma maneira de compreender a realidade. Isso permite interpretar o desenvolvimento dos acontecimentos e das relações sociais, evidenciando a conexão que indivíduos e grupos estabelecem entre si, uma vez que essa relação é moldada pela interação e pelo contato com os discursos que circulam no espaço público, estando presentes tanto na linguagem quanto nas práticas cotidianas¹⁷⁻¹⁹.

Outrossim, o aporte da TRS é uma das possibilidades de restabelecer a importância do conhecimento do senso comum, do saber popular, do conhecimento que emerge das relações no cotidiano, enraizadas e fortalecidas pelos significados sociais dos grupos de pertença dos sujeitos, neste caso, as mulheres em situação de rua.

A investigação das vivências das mulheres em situação de rua e sua interface com a violência contra a mulher, com as repercussões dos papéis socioculturais de gênero e aos DSS, tendem a direcionar como estes influenciam na dinâmica da permanência das mulheres na rua. Nessa direção, as representações sociais agem como um modelo para interpretação da vivência dessas mulheres, sobre como se relacionam com o meio, bem como apresentam parte dos seus conhecimentos, de modo a transcender as experiências individuais¹⁷⁻¹⁸.

Ante o exposto, o presente estudo propõe como questão de pesquisa: quais as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os determinantes sociais em saúde influenciam na permanência delas nas ruas? Para tanto, objetivou-se compreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher e como os papéis socioculturais de gênero e os determinantes sociais em saúde influenciam na dinâmica da permanência dessas mulheres na rua.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, com abordagem qualitativa,

que utilizou como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais¹⁷, baseando-se em sua abordagem processual por Jodelet¹⁷⁻²¹. Ademais, foi utilizado o instrumento *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) para nortear a metodologia²².

A pesquisa foi realizada no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP que se configura como uma unidade pública da assistência social que oferece serviços a pessoas em situação de vulnerabilidade social, localizada em um município do interior da Bahia. O convite para participação foi realizado presencialmente, inicialmente divulgado pela coordenação da instituição e, posteriormente, durante os encontros com as participantes na rotina da instituição pela equipe técnica.

O número total de participantes da pesquisa foi de cinco mulheres em situação de rua, selecionadas por conveniência²³⁻²⁴. Destaca-se que na presente pesquisa, duas convidadas se negaram a participar.

Foram seguidos como critérios de inclusão: mulheres adultas²⁵, que se encontravam em situação de rua; frequentadoras da referida instituição; e, que estavam cumprindo as demandas de assistência da unidade socioassistencial durante o período da coleta. Como critério de exclusão: mulheres que não estavam em condições cognitivas e/ou emocionais para participar da pesquisa; e, que não foram localizadas após três tentativas de contato durante o período da coleta.

Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas de maneira individual e presencial, no local de escolha das mulheres (todas optaram por serem entrevistadas no Centro Pop), de julho de 2024 ao mês de outubro de 2024. Ressaltando que, durante o primeiro contato da entrevistadora com as possíveis participantes, já se realizava o esclarecimento sobre os aspectos éticos, da necessidade de assinatura do termo e os esclarecimentos gerais sobre a pesquisa e agendamento das entrevistas.

As entrevistas foram gravadas em um dispositivo eletrônico (aparelho celular), guiadas por um roteiro dividido em duas partes: a primeira com a caracterização das participantes; e a segunda com questões que abordavam de modo geral o saber das mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, sobre a vivência nas ruas e as formas de violência; denúncia de episódio de violência na rua, exposição à violência por morar nas ruas; formas de combate à violência na rua, se o conhecimento das histórias das mulheres em situação de rua

pode transformar a realidade da violência, entre outros.

Antes da aplicação definitiva do instrumento foi realizado um teste-piloto, cujo propósito foi verificar a coerência e a compreensão das questões norteadoras, também incluído na pesquisa. Todos os encontros foram gravados (duração de 15 minutos, em média) e transcritos para a construção do *corpus* textual²³.

As participantes foram identificadas por meio da palavra “Participante”, seguida de numeração de um a cinco, conforme a sequência das entrevistas, de modo que a primeira entrevistada recebeu a denominação Participante 01, e assim sucessivamente, visando garantir o anonimato.

Os dados foram processados com o auxílio do *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), identificando as co-ocorrências por meio da análise das relações entre palavras utilizando a técnica da Análise de Similitude, e da análise lexical de representação gráfica da Nuvem de Palavras que representa as palavras mais frequentes de um conjunto de dados. A saber, o IRAMUTEQ é um *software* livre, ancorado no ambiente estatístico do software R e na linguagem python; seu uso viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, como os métodos da Análise de Similitude e da Nuvem de Palavras, que realizam análise lexical e gráfica do material textual, oferecendo contextos e relações²⁶.

Considerando as interfaces citadas, buscou-se explorar a complexidade das respostas das participantes e correlacionar com aspectos inerentes à teoria.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de uma universidade do nordeste do Brasil, sendo respeitados os princípios éticos da autonomia, da beneficência, não maleficência e justiça.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas cinco mulheres em situação de rua acolhidas por uma unidade pública da Assistência Social. Todas se identificavam como católicas e mulheres cisgêneros heterossexuais, com idades entre 30 e 57 anos. Em relação ao nível de escolaridade, uma não era alfabetizada, três concluíram o ensino fundamental I, e uma concluiu o ensino fundamental II. Quanto à situação conjugal, três eram solteiras, uma viúva e uma encontrava-se em união consensual. Quanto à raça/cor, três se identificaram como pardas e duas como pretas. As ocupações

predominantes foram catadoras de material reciclável, faxineira e mendicante, com renda complementada por programas sociais como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

A análise de similitude gerada pelo *software* IRAMUTEQ conecta palavras por suas relações de co-ocorrência, evidenciando como os temas estão interligados. Cada cor representa um grupo temático, e as palavras maiores são as mais frequentes no *corpus*²⁶. Possibilita localizar as ocorrências de palavras mais frequentes, indicando as suas conexidades²⁶, demonstrou que a violência contra a mulher está fortemente relacionada a dois núcleos de palavras que se organizam em torno dos termos violência e rua, que aparecem como eixos centrais, conectando os outros grupos (Figura 1). Isso evidencia que a vida na rua e a violência estão profundamente entrelaçadas na experiência das mulheres entrevistadas. Os diferentes grupos (cores) se complementam, sugerindo que as formas de violência (física, sexual, psicológica) coexistem com a vulnerabilidade da vida na rua e a necessidade de suporte.

O grupo 1 (vermelho), enfatiza o contexto de vida das mulheres na rua a partir das palavras “rua, morar, viver e casa” marcado pela vulnerabilidade, insegurança e desafios cotidianos ao se conectar com as palavras “medo, proteger, espancar, ameaçar”. Já os termos “ajudar e respeito” refletem as necessidades de apoio e dignidade.

No tocante ao núcleo *violência* - grupo 2 (amarelo), aborda a violência direcionada às diferentes formas de expressão desse fenômeno – enfatizando a violência física e a violência psicológica –, enfrentada pelas mulheres em situação de rua, incluindo o cenário das agressões vivenciadas em âmbito doméstico que podem ser observados pelas palavras “violência, mulher e bater” conectadas às palavras “mãe, marido, dinheiro, psicológico, sofrer, ameaça e desrespeitar”. A presença de palavras “família, mãe e marido” destaca a complexidade das relações interpessoais dentro dos lares que perpetuam a violência e acabam influenciando nessa dinâmica de ida e permanência dessas mulheres nas ruas.

Já o grupo 3 (azul) foca na violência sexual, uma das formas de violência contra a mulher mais graves enfrentadas pelas mulheres em situação de rua, em destaque apresenta as palavras “sexual e físico”. Termos como “estupro, agressão e físico” destacam a natureza traumática dessas experiências.

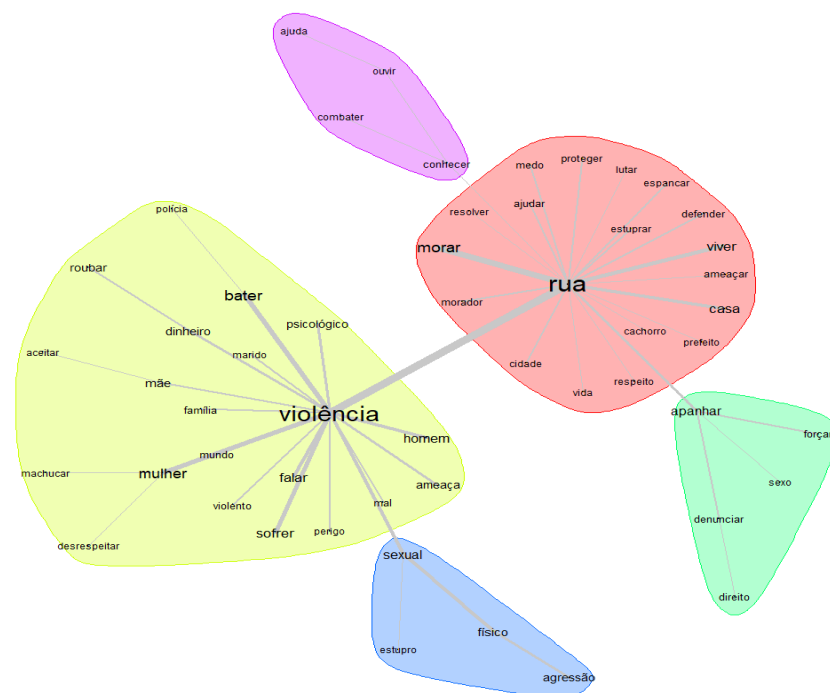
No grupo 4 (verde), se destacam as palavras “apanhar, forçar e sexo”, já em

resposta a esses atos de violência se reflete as ações tomadas pelas mulheres com a palavra denunciar indicando uma tentativa de buscar justiça e direito associada ao reconhecimento da necessidade de apoio jurídico.

Por fim, o grupo 5 (roxo), destacam-se as palavras “ajuda, ouvir, combater e conhecer” dando ênfase ao papel da assistência, da conscientização e protagonização dessa mulher que vive nas ruas e vivencia a violência contra a mulher em seu cotidiano e nas mais diversas formas de expressão. Palavras como “ajuda e ouvir” sugerem a importância de redes de suporte e acolhimento.

Essa análise evidencia a complexidade das experiências das mulheres em situação de rua, apontando para a necessidade de políticas públicas integradas que abordem as múltiplas dimensões da vulnerabilidade e violência.

Figura 1 – Análise de Similitude acerca da violência contra a mulher (VCM). Bahia, Brasil, 2025.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024

A discussão aqui proposta abriu caminho para a análise da Nuvem de Palavras gerada pelo software IRAMUTEQ, dado que ela foi baseada nas palavras mais frequentes mencionadas por mulheres em situação de rua em relatos sobre a

violência contra a mulher. Nessa análise, as palavras maiores e centrais aparecem com maior frequência, enquanto as menores e periféricas são as menos recorrentes²⁶ (ver Figura 2).

As palavras destacadas e frequentes incluem “violência, rua, mulher, bater, casa e morar”. Isso reflete o contexto central da situação vivenciada por essas mulheres desde quando moravam com suas famílias em casa, envolvendo violência, sua condição de moradoras de rua e a ausência ou dificuldade em retornar para uma residência fixa.

As palavras como “sexual, homem, agressão, sofrer, denunciar e apoiar” indicam a natureza das violências vivenciadas expressas por meio das formas de violência contra a mulher (física, sexual, psicológica e até mesmo patrimonial) e possíveis ações relacionadas, como denúncias ou busca de ajuda. Termos como “família, pai, mãe e proteger” remetem à dinâmica de relações interpessoais e à busca de segurança ou apoio em um contexto de vulnerabilidade, que na maioria das vezes não se encontra dentro da organização familiar.

Já as palavras periféricas, como “dinheiro, medo, aceitar e defender”, mostram aspectos complementares da realidade enfrentada, incluindo fatores econômicos e emocionais.

Essa análise sugere um contexto de extrema vulnerabilidade e múltiplas formas de violência, além de apontar para a necessidade de suporte social, jurídico e psicológico para essas mulheres.

O cenário descrito, entre tantos outros em que as mulheres em situação de rua sofrem violência sob a ótica de gênero revela que as mulheres negras e pardas em situação de violência que apresentam baixa escolaridade, com renda própria reduzida e dependência financeira do parceiro íntimo, tornam-se dependentes do agressor e mais vulneráveis a novos episódios de violência contra a mulher²⁸. Esses achados assemelham-se aos resultados deste estudo, visto que as mulheres em situação de rua entrevistadas em sua grande maioria se consideraram pretas e pardas e possuem escolaridade que varia entre o analfabetismo e o Ensino fundamental II, dependendo financeiramente de benefícios do governo ou até mesmo da mendicância para sobreviver nas ruas.

As questões pontuadas nas falas das mulheres, começam a desenhar o perfil das mulheres que estão em condições de rualização no território do interior baiano, além de apresentar quais são os parâmetros sociais e identidades que atravessam o ser mulher no contexto de rua, suas implicações e histórias que permeiam sua condição de gênero, destacando a influência que os DSS, os elementos precipitadores e os rompimentos familiares assumem e as levam às ruas e as fazem permanecer²⁷⁻²⁸.

Sabe-se que o fenômeno da rualização é consequência de diversos fatores como a ausência de moradia, trabalho e renda, a quebra de vínculos familiares, a presença de doenças mentais e o uso abusivo de álcool ou drogas²⁹⁻³⁰. Destarte, os estudos indicam que os DSS envoltos no contexto da situação de rua são fatores econômicos, culturais e ambientais que podem afetar a saúde da mulher^{5,9}.

Nessa perspectiva, as vivências das mulheres participantes desse estudo sinalizaram que os DSS que influenciaram diretamente na busca e permanência nas ruas foram: identidade de gênero, desemprego, preconceito e privação de direitos básicos. Esses determinantes impactaram diretamente na saúde dessas mulheres repercutindo em implicações biopsicossociais, refletidas em sentimentos de medo, vergonha e humilhação^{5,8}.

Percebe-se que, para as mulheres em situação de rua, a violência contra a mulher é compreendida a partir de conhecimentos consolidados e amplamente divulgados dentro deste grupo de pertença. Essa compreensão vai além da noção de violência física, incluindo também formas psicológicas, verbais, relacionais e sexuais. Dessa forma, a maneira como essas mulheres representam a violência está baseada em informações já conhecidas e compartilhadas socialmente. Assim como

ao mencionarem as diferentes formas de violência, elas revelam como dão forma concreta a esse tema em suas falas e pensamentos.

Observa-se que essas mulheres convivem diariamente com a questão da violência física e sexual, principalmente por parte de seus companheiros e a ausência de vínculo com profissionais da saúde dificulta a procura de ajuda por parte delas, assim como o medo de represálias³¹. Nessa direção, a mulher enfrenta preconceitos no acolhimento e dificuldade em estabelecer vínculo com os profissionais nas unidades de saúde o que dificulta a criação de uma linha de cuidado para o enfrentamento dos riscos gerados pela condição de vulnerabilidade³².

De forma consonante, a literatura^{27,29,31} aponta que as mulheres em situação de rua sofrem violências de todos os lados, seja por parte dos companheiros quando os tem, ou por parte de outros homens quando não tem companheiros, principalmente a violência sexual e ainda violência institucional quando procuram por atendimento de saúde, principalmente as gestantes que além da violência moral por parte dos profissionais nos hospitais, ainda tem seus filhos retirados.

No que tange ao núcleo que trata da violência, representado pelo grupo 2 (amarelo) essa representação se ancorou em informações reificadas das formas de manifestação da violência, a saber: psicológica, verbal, relacional, física e sexual. De forma consonante, a literatura aponta que a vida nas ruas apresenta muitos desafios para a vida de uma mulher⁶. Isso as obriga a criarem estratégias específicas de sobrevivência, optando muitas vezes por se travestirem ou se manterem sem nenhuma higiene a fim de diminuir as chances de violência sexual^{8,15,29}.

A despeito dessa questão, um estudo³³ realizado em São Paulo, Brasil, indicou que especialmente as mulheres que pernoitam na rua sofrem violência física praticada por pessoas ou grupos intolerantes com a situação vivida por elas. Também apareceu a violência, de cunho higienista, praticada por agentes policiais, indivíduos contratados por comerciantes ou moradores que se sentem prejudicados pela presença das pessoas em situação de rua nos arredores dos domicílios, comércios, monumentos e cartões postais da cidade. Sobre esse aspecto, as participantes do estudo destacaram que existe medo em denunciar e que para combaterem a violência, precisaram conhecer mais as redes de apoio para que assim se sentissem seguras para pedir ajuda e serem ouvidas. Esses dados sugerem a dificuldade de fazer denúncias ou buscar ajuda, pois o medo começa a

fazer parte da realidade da vítima.

Por outro lado, as falas das mulheres entrevistadas destacaram a questão da denúncia, significando o rompimento com o ciclo de violência e o enfrentamento desse fenômeno tão complexo. Contudo, existe medo e resistência em denunciar a violência sofrida nas ruas, como exemplificado nos relatos a seguir:

[...] e ninguém liga de ajudar [...] quem dirás ajudar a gente contra a violência [...] eu nunca precisei denunciar não, me viro sozinha e nem quero envolvimento com negócio de denúncia, quero distância (Participante 4).

[...] agora quando apanho eu bato também, então nem denuncio [...] eu denunciei na polícia na DEAM, mas não deu em nada (Participante 3).

[...] combater eu não sei te responder, mas evitar é se escondendo, eu dei pra me esconder dos locais que já sofri alguma violência e das pessoas também, a gente sente o perigo e tem que se proteger sumindo mesmo (Participante 1).

[...] porque na rua ninguém é pela gente somos sozinhas, te disse que a gente briga entre a gente então na rua ou você se defende ou você roda e as vezes a violência vem de mais de um homem aí fica difícil de se defender (Participante 3).

Nesse sentido, ressalta-se a importância da elaboração de programas de prevenção da violência e promoção de saúde com vistas a estimular o comportamento de ajuda entre as mulheres, tanto para que elas procurem apoio nos casos de vivência da violência, quanto para que elas ofereçam ajuda a outras mulheres nessas situações.

É importante destacar que a violência contra a mulher se dá por meio da manifestação dessas relações desiguais de poder entre homens e mulheres baseada na dominação, exploração e opressão. Isso sugere que a violência de gênero está arraigada em nossa cultura, e não deve ser restringida a um problema a ser resolvido pelo setor judiciário, pois a violência é um dos frutos das complexas desigualdades de gênero que devem ser superadas. Assim, as relações de poder no contexto da desigualdade de gênero perpassam o discurso das mulheres em situação de rua, pois ratifica o conhecimento socialmente compartilhado sobre as identidades masculina e feminina no contexto da violência contra a mulher^{8,16}.

Desse modo, a análise das vivências relatadas permite identificar as características intrínsecas ao ato dessa violência contra a mulher e analisar os papéis socioculturais de gênero sob o ponto de vista das mulheres que vivem nas ruas. Além disso, compreender melhor as vivências e as consequências desses

papéis permitem subsidiar estratégias de prevenção da violência contra a mulher e mitigação dos danos causados. Essas ações, sendo mais assertivas, podem efetivamente contribuir para extinção desse problema de saúde pública.

Verifica-se que os crimes de ameaça se destacaram no cenário da violência contra a mulher em situação de rua, sendo a prática mais comum de intimidação e manutenção do controle do homem sobre a mulher, o que também expressa uma realidade comum nos casos de violência vivenciado por diversas mulheres. Outro aspecto relevante refere-se às práticas que envolvem a violência sexual, o que indica que ela é vista pelas participantes do estudo como uma consequência da sua condição de pessoa em situação de rua.

Os resultados aqui elencados e discutidos já permitem notar algumas contribuições do presente estudo, ao constatar que além da violência deixar marcas, também provoca agravos à saúde mental da mulher, principalmente pelos sentimentos de medo, humilhação, vergonha e sofrimento. O sentimento de medo também é recorrente durante os momentos de violência e aparecem de forma recorrente nas falas das participantes do estudo.

Assim como evidenciou que as mulheres em situação de rua, embora constituam um grupo reduzido comparativamente aos homens, têm essas destituições e violências potencializadas pela desigualdade de gênero, propiciando que enfrentem uma dupla vulnerabilidade decorrente da interseção de gênero e da falta de moradia, o que as expõe a uma série de riscos e desafios únicos.

Ademais, as representações sociais do grupo investigado denotaram a relevância do objeto de estudo considerando a importância da formação de profissionais preparados para atender sem estigmas às demandas dessa população, a implementação da educação permanente nos serviços de saúde para qualificar os profissionais de saúde no atendimento desta clientela, oferecendo segurança, acolhimento, integralidade no cuidado e enfrentamento da violência contra a mulher.

No geral, e para garantir que essas mulheres recebam o apoio e a assistência de que necessitam, é fundamental adotar uma abordagem holística e centrada em suas necessidades, que leve em consideração sua segurança, saúde e autonomia. Somente assim pode-se trabalhar para criar um ambiente mais inclusivo e seguro para todas as mulheres, independentemente de sua condição socioeconômica ou de moradia.

Como limitação do estudo considera-se que a rotina da realização das

mulheres e muitas vezes a instabilidade emocional durante a realização das entrevistas e o distanciamento com os espaços de escuta e acolhimento, impossibilitaram a proximidade de diálogos mais ampliados sobre tema tão sensível como a violência contra a mulher. Contudo, dedicar-se a pesquisar e conhecer de perto as experiências de mulheres em situação de rua são reflexões conscientes de que esse tema precisa ser mais trabalhado e abordado, não só na universidade, mas na sociedade como um todo.

CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que a mulher em situação de rua vivencia em seu cotidiano mais adversidades, seja pela condição do gênero, seja pela condição de classe. Pois, sobrevivem em meio a preconceitos pelo fato de ser população em situação de rua, somado à cultura machista existente na sociedade. Pensar em uma política social para elas não é somente restringir-se à construção de abrigos e albergues, mas pensar em espaços de interlocução que produzam a compreensão de uma vida marcada pelo protagonismo dessas mulheres, de modo a fortalecer sua autonomia, fomentar reflexões sobre a equidade de gênero, um espaço que garanta de fato uma resposta às demandas específicas das mulheres.

As falas evidenciam que determinados fatores sociais relacionados ao espaço doméstico, como a violência intrafamiliar e o desemprego, influenciaram a permanência das mulheres na rua. Fora do domicílio, elas permaneciam vulneráveis a preconceitos e a diversas formas de violência, ampliando sua exposição social e risco cotidiano.

Observa-se as representações sociais dessas mulheres denotaram que a violência contra a mulher é comum no ambiente das ruas e está relacionada com a desigualdade de gênero e com os papéis socioculturais, causando medo, sofrimento e consequências nocivas às mulheres. Destaca-se que os DSS que influenciaram na ida e na permanência dessas mulheres nas ruas foram: gênero, escolaridade, ruptura de vínculos familiares, raça e desemprego. Eles também influenciaram na autorização para a violência sobre os corpos e subjetividades dessas mulheres, que moldaram suas representações sociais em torno de emoções e sentimentos negativos.

Os resultados do estudo reforçaram a necessidade de desenvolver

estratégias preventivas e intervencionistas, identificando práticas de assédio moral no contexto do trabalho em enfermagem e as respectivas consequências, visto que mulheres em situação de rua sofrem violações e vulnerabilizações específicas engendradas para prevenir e mitigar os danos. Nessa direção, é essencial acolher e acompanhar psicologicamente essas mulheres, além de incentivar as denúncias para coibir essa prática, de modo que os assediadores sejam identificados e punidos. Para prevenir e amenizar os danos impostos pela sua condição de gênero, é essencial escutar, acolher, acompanhar e empoderar essas mulheres, além de incentivar as denúncias para coibir essa prática, de modo que os agressores sejam identificados e punidos.

REFERÊNCIAS

1. Richwin IF, Zanello V. “Desde casa, desde berço, desde sempre”: violência e mulheres em situação de rua. *Rev Estud Fem* [Internet]. 2023;31(1):e77926. Available from: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n177926>
2. Schuck AL, Gesser M, Beiras A. Diálogos entre gênero e as experiências com a população de rua. *Revista Psicologia Política* [Internet]. 2020 [cited 2025 Jan 26];20(48):279–94. Available from: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2020000200003
3. Nardes S, Giongo CR. Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. *Revista Estudos Feministas* [Internet]. 2021 Jul 2;29. Available from: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ZR3svtmGxS4MzrRfMQw6TNt/?lang=pt>
4. Fa R. Violência de gênero e a vulnerabilidade das mulheres em situação de rua - [Internet]. *Revista ft.* 2024 [cited 2025 Jan 26]. Available from: <https://revistaft.com.br/violencia-de-genero-e-a-vulnerabilidade-das-mulheres-em-situacao-de-rua/>
5. Maria S. Os impactos dos determinantes sociais para a saúde mental da mulher em situação de rua [Internet]. *Handle.net. Universidade Estadual Paulista (Unesp);* 2022 [cited 2025 Jan 25]. Available from: <http://hdl.handle.net/11449/238258>
6. Esmeraldo AFL, Ximenes VM. Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos. *Psicologia: Ciência e Profissão* [Internet]. 2022 Feb 11;42. Available from: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/KLwKD3dMyJq6g95Xz5wBvgH/abstract/?lang=pt>
7. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022) [online]. *Diretoria de Estudos de Políticas Sociais.* 2022 [viewed 16 September 2024]. Available from: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf
8. Sarmiento CS. O gênero na rua: um estudo antropológico com as mulheres em situação de rua em Porto Alegre. *Ufrgsbr* [Internet]. 2017 [cited 2025 Jan 26]; Available from: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174177>

9. Ribeiro KG, Andrade LOM de, Barreto IC de HC, Raquel SP, Munoz TL, Santos C. Determinantes Sociais da Saúde dentro e fora de casa: captura de uma nova abordagem. *Saúde debate* [Internet]. 2024;48(140):e8590. Available from: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241408590P>
10. Buss PM, Pellegrini Filho A. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis*. 2007;17(1):77-93.
11. Marmot M, Allen JJ. Social determinants of health equity. *Am J Public Health*. 2014;104 Suppl 4:S517-9.
12. Silva MB, Nunes M, Medeiros CRG. Determinantes sociais de saúde e população em situação de rua no Brasil: revisão integrativa. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2021;26(12):6011-24.
13. Ministério da Saúde (BR). Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde. As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008.
14. Paiva FS, Ronzani TM. Interseccionalidade, gênero e saúde: vulnerabilidades da população em situação de rua. *Rev Panam Salud Publica*. 2020;44:e144.
15. Alves KC, Mendes PC, Santos, Moura GG. Acesso de mulheres em situação de rua aos serviços de saúde: uma revisão integrativa. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde* [Internet]. 2024 Aug 20;20:e2069–9. Available from: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/74947>
16. Saffioti HIB.; Almeida SS. Violência de gênero – poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 1995.
17. Vilamaior AG, Maria. Teoria das representações sociais: Enfoque técnico, metodológico e epistemológico / Social representations theory: Technical, methodological and epistemological approach. *Brazilian Journal of Development* [Internet]. 2022 Jan 17 [cited 2025 Mar 13];8(1):4608–18. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42836>
18. Jodelet D. Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica. *Temas em Psicologia* [Internet]. 2024;19(1):19–26. Available from: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100003
19. Jodelet D. Social sciences and representations: a study of representative phenomena and social processes, from local to global. *Soc Estado*. [Internet]. 2018 [cited in 2025 Jan. 19]; 33(2):423-42. Available in: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-699220183302007>.
20. Moscovici S. *Social representations: investigations in social psychology*. 11. th ed. Petrópolis: Vozes; 2015.
21. Marconi MA, Lakatos EM. *Fundamentals of scientific methodology*. 9.th ed. São Paulo: Atlas; 2021
22. Souza VR dos S, Marziale MHP, Silva GTR, Nascimento PL. Translation and validation into brazilian portuguese and assessment of the COREQ checklist. *Acta Paul Enferm*. [Internet]. 2021 [cited in 2025 Jan. 19]; 34:eAPE02631. Available in: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>.
23. Johnson JL, Adkins D, Chauvin S. A Review of the quality indicators of rigor in qualitative research. *Am J Pharm Educ*. [Internet]. 2020 [cited in 2025 Jan. 19]; 84(1):7120. Available in: <https://doi.org/10.5688/ajpe7120>
24. Saunders B, Sim J, Kingstone T, Baker S, Waterfield J, Bartlam B, et al. Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Qual Quant*. [Internet]. 2018 [cited in 2025 Jan. 19]; 52(4):1893-1907. Available in: <https://doi.org/10.1007/s11135-017-0574-8>

25. OMS. DeCS [Internet]. Bvsalud.org. 2015 [cited 2025 Mar 13]. Available from: <https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=331>
26. Camargo BV, Justo AM. Tutorial for using the IRaMuTeQ software (R Interface pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) [Internet]. Florianópolis (SC): IRaMuTeQ, 2018 [cited in 2025 Jan. 19]. Available in: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>.
27. Coldibeli LP, de Paiva FS, Batista CB. Gênero, pobreza e saúde: Revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua. Textos Contextos (Porto Alegre) [Internet]. 1º de junho de 2021 [citado 25º de janeiro de 2025];20(1):e38015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/38015>
28. Ciência e Saúde Coletiva. População em situação de rua no Brasil: visível demais ou totalmente invisível? • SciELO em Perspectiva | Press Releases [Internet]. SciELO em Perspectiva | Press Releases • Press releases de artigos publicados pelos periódicos da Rede SciELO. 2024. Available from: <https://pressreleases.scielo.org/blog/2024/09/16/populacao-em-situacao-de-rua-no-brasil-visivel-demais-ou-totalmente-invisivel/>
29. Machado DF, Castanheira ERL, Almeida MAS. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo [Intersections between gender socialization and violence against women by the intimate partner]. Cien Saude Colet. 2021 Nov 15;26(suppl 3):5003-5012. Portuguese. doi: 10.1590/1413-812320212611.3.02472020. PMID: 34787193.
30. BRASIL. Saúde da população em situação de rua: um direito humano Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
31. Daniele Carmo Queiroz, Renata Meira Veras, Genonádio E. Ações de assistência à saúde ofertadas à população em situação de rua: estado da arte. Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. 2024 Aug 1;29(8). Available from: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mW7cPwHQcKyrMVjpfH39JWH/?lang=pt#>
32. Paiva IKS de, Guimarães J. População em situação de rua e Rede de Atenção Psicossocial: na corda bamba do cuidado. Physis: Revista de Saúde Coletiva [Internet]. 2023 Jan 6;32:e320408. Available from: <https://www.scielo.br/j/physis/a/TxqHG9XCcxKxzXBvnyRmzb/?lang=pt>
33. Ribeiro LP, Antunes-Rocha MI, Riani SRN. Representaciones sociales de personas transgénero, travestis y transexuales sobre la violencia. Rev Psicol (Bogotá). 2019;37:495-527. Disponível em: <https://doi.org/10.18800/psico.201902.006>. Acesso em: 27 jan. 2025.